

## **A Condição Humana Na Velhice: Feito E A Ser Feito Pela Pessoa Idosa Na Fundação Universidade Da Terceira Idade Do Amazonas - Funati**

### **The Human Condition In Old Age: Made And To Be Done By The Elderly In The Foundation University Of The Third Age Of Amazonas – Funati**

Gisele de Brito Braga

*Secretaria da Educação, Cultura e Desportos do Estado do Amazonas*  
*Doutora em Educação pela Universidade Federal do Amazonas*

Rosa Mendonça de Brito\*

*Universidade Federal do Amazonas*  
*Pós-Doutora em Filosofia da Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro*

---

#### **RESUMO**

O estudo procura trazer à luz a postura da humanidade sobre o envelhecer, o respeito, o cuidado e a educação destinada às pessoas envelhecidas, denominadas ao longo do tempo de: velhas, idosas, terceira idade. Sustentado em pesquisa teórica, documental e empírica, esta realizada através de Estudo de Caso junto a Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade - FUnATI/AM, procuramos mostrar que a referida instituição atua como um Centro de referência de ensino, pesquisa, extensão e assistência à saúde voltados para o envelhecimento e a formação de recursos humanos na área de Gerontologia e Saúde do Idoso. A passagem dos elementos descritivos à interpretação foi realizada através de análise qualitativa que nos possibilitou compreender o envelhecimento como um fato natural da existência humana em todos os tempos, espaços e culturas e mostrar que as diversas etapas da vida humana não têm a ver, apenas, com as questões biológicas, mas, também, com as questões sociais e que nos últimos anos do século XX e início do século XXI, a tomada de consciência dos governos, das instituições e da sociedade sobre essa realidade levou a criação de vários instrumentos legais e projetos de amparo, de cuidado e de educação para essa população que culminou na criação das Universidades Abertas da Terceira Idade. No caso da Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade – FUnATI/Am, os estudos possibilitaram afirmar que a instituição atua de forma multidimensional: ensino, pesquisa, extensão e assistência, levando a que atinja uma significativa parte do universo da população envelhecida de Manaus.

**Palavras-chaves:** envelhecimento, humanidade, educação, existência, FUnATI

#### **RESUMEN**

El estudio busca sacar a la luz la actitud de la humanidad sobre el envejecimiento, el respeto, el cuidado y la educación dirigida a las personas mayores, nombradas a lo largo del tiempo: ancianos, ancianos, ancianos. A partir de investigaciones teóricas, documentales y empíricas, esta se llevó a cabo a través de un Estudio de Caso con la Fundación Universidad Abierta de la Tercera Edad - FUnATI/AM, que busca demostrar que esta institución actúa como un centro de referencia para la docencia, investigación, extensión y atención de la salud dirigida al envejecimiento y la formación de recursos humanos en el área de Gerontología y Salud del Adulto Mayor. El paso de elementos descriptivos a la interpretación se realizó a través de análisis cualitativos que nos permitieron entender el envejecimiento como un hecho natural de la existencia humana en todos los tiempos, espacios y culturas y mostrar que las diversas etapas de la vida humana no tienen nada que ver solo con cuestiones biológicas, sino también con cuestiones sociales y que en los últimos años del siglo 20 y principios del siglo 21, la conciencia de los gobiernos, las instituciones y la sociedad sobre esta realidad llevó a la creación de diversos instrumentos legales y proyectos de apoyo, cuidado y educación para esta población que culminaron en la creación de las Universidades Abiertas de la Tercera Edad. En el caso de la Fundación Universidad Abierta de la Tercera Edad - FUnATI/Am, los estudios permitieron afirmar que

la institución actúa de manera multidimensional: docencia, investigación, extensión y asistencia, lo que lleva a alcanzar una parte significativa del universo de la población envejecida de Manaus.

Palabras clave: envejecimiento, humanidad, educación, existencia, FUnATI.

## ABSTRACT

The study seeks to bring to light humanity's attitude on aging, respect, care and education aimed at aging people, named over time: old, elderly, elderly. Based on theoretical, documentary and empirical research, this was carried out through a Case Study with the Open University of the Third Age Foundation - FUnATI/AM, it seeks to show that this institution acts as a reference center for teaching, research, extension and health care aimed at aging and the formation of human resources in the area of Gerontology and Elderly Health.

The passage of descriptive elements to interpretation was performed through qualitative analysis that allowed us to understand aging as a natural fact of human existence in all times, spaces and cultures and to show that the various stages of human life have nothing to do only with biological issues, but also with social issues and that in the last years of the twentieth century and beginning of the 21st century, the awareness of governments, institutions and society about this reality led to the creation of various legal instruments and projects of support, care and education for this population that culminated in the creation of the Open Universities of the Third Age. In the case of the Open University of the Third Age Foundation - FUnATI/AM, the studies made it possible to affirm that the institution operates in a multidimensional way: teaching, research, extension and assistance, leading to reaching a significant part of the universe of the population aged in Manaus.

**Keywords:** aging, humanity, education, existence, FUnATI

-----  
Date of Submission: 14-03-2023

Date of Acceptance: 30-03-2023  
-----

## I. INTRODUÇÃO

Na teia da vida, o homem é apenas um fio e a existência humana caracterizada por, pelo menos, três fases: infância, maturidade e velhice. Na tessitura desse fio o envelhecimento deve ser considerado como um processo natural e inelutável que ocorre independente da vontade humana. Produto de estudos e pesquisas realizadas para o desenvolvimento de uma Tese de doutoramento, o estudo aqui apresentado procura trazer à luz a postura adotada pela humanidade diante do processo de envelhecimento e, como se apresentava as questões do respeito, do cuidado e da educação destinada às pessoas envelhecidas, caracterizadas ao longo do tempo como: velhas, idosas, terceira idade.

Por visar a descoberta, a pesquisa que embasa o trabalho foi realizada através de Estudo de Caso, a partir dos pressupostos da Fenomenologia<sup>1</sup> que tem como princípio fundamental a apreensão do fenômeno da coisa investigada, em busca do seu sentido, sem “pré-conceitos” ou “pré-juízos”. O estudo está sustentado em pesquisa: teórica, documental e empírica, ou seja, tem como fontes de informações, as ideias de autores recolhidas na bibliografia definida e documentos inerentes ao tema, assim com dados adquiridos junto a Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade - FUnATI/AM, instituição mantida pelo Governo do Estado do Amazonas, criada em 2007 com a denominação de UnATI e transformada em 2018, em Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade (FUnATI), através das falas do Reitor e 04 Coordenadores. No trajeto da caminhada buscou-se apreender a realidade para, em seguida, interpretar e compreender os nexos dos fenômenos presentes nas questões levantadas e na trama sociocultural que envolve as ações da instituição em estudo.

A passagem dos elementos descritivos à interpretação e compreensão do problema, foi realizada através de “análise qualitativa visando a superação da incerteza, a compreensão crítica do sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas” (BRITO, 2016, p.58). Seguindo a orientação da fenomenologia husserliana (2006, p. 27), procuramos colocar entre parênteses, ou seja, suspender através da *epochê* ou *redução fenomenológica*<sup>2</sup>, os juízos “a priori” ou préconceitos para que as operações de análise realizadas pela nossa consciência sobre a intencionalidade e do sentido das ações desenvolvidas pela FUnATI/AM, se ocupassem, apenas, com as manifestações expressas pelos sujeitos, pelos documentos e pelas teorias.

---

<sup>1</sup>Fenomenologia – palavra de origem grega formada por duas outras: *fenômeno* = aquilo que se mostra, e *logia* = logos, pensamento. Significa capacidade de refletir sobre um fenômeno, sobre aquilo que aparece, isto é, compreender o que são as coisas e como elas se mostram a cada um de nós.

<sup>2</sup>Epochê ou Redução fenomenológica – é a operação pela qual a existência efetiva do mundo exterior é posta entre parênteses.

A relevância do estudo recai sobre o fato de a Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade (FUnATI) ser a única instituição do gênero que atua como um Centro de referência de ensino, pesquisa, extensão e assistência à saúde voltados para questões inerentes ao envelhecimento e na formação de recursos humanos na área de Gerontologia e Saúde do Idoso, na condição de Fundação. Por isso mesmo, com autonomia jurídica, administrativa, financeira e pedagógica para desenvolver um processo de ensino que promova a formação de formadores que possam atuar com maior competência na educação de pessoas idosas, levando em consideração que esse tipo de educação deve ser menos disciplinar, menos acadêmica, e mais associada às necessidades dos idosos.

Para dar conta dos objetivos e refletir sobre a questão, foram elaborados os seguintes questionamentos: 1) quais as questões que fizeram surgir a preocupação com as pessoas idosas? 2) quando se iniciam as ações voltadas para o amparo e a educação de idosos e quais os instrumentos legais que orientam a questão do envelhecimento no Brasil?; 3) quais as iniciativas e instituições voltadas para a atenção e a educação de idosos no Amazonas? 4) qual a abrangência da atuação da FUnATI/AM?

No transcurso da caminhada, em busca de respostas para tais questionamentos, nos foi possível compreender o envelhecimento como um fato natural da existência humana em todos os tempos, espaços e culturas, que ocorre independentemente de sua vontade e que, por isso mesmo, a condição dos velhos não foi, não é e não será a mesma em toda parte e nem em todas as épocas. Nascer, crescer, envelhecer e morrer tem a ver com o ciclo biológico próprio do homem e dos demais seres vivos. Compreender, ainda, que as diversas etapas da vida humana não têm a ver, apenas, com as questões biológicas, mas, também, com as questões sociais e culturalmente construídas no percurso da história, o que faz com que o pêndulo da balança da velhice penda, ora para o negativo, ora para o positivo.

Compreender, também que a questão do envelhecimento e da longevidade, nos últimos anos do século XX e início do século XXI, possibilitou a tomada de consciência dos governos, das instituições e da sociedade sobre essa nova realidade, fazendo com que fossem criados vários instrumentos legais e projetos não apenas de amparo e de cuidado para essa população, mas também educacionais que culminaram com a criação das Universidades Abertas da Terceira Idade. No caso da Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade – FUnATI/Am, os estudos possibilitaram afirmar que a instituição atua de forma **multidimensional**: ensino, pesquisa, extensão e assistência, levando a que atinja uma significativa parte do universo da população envelhecida de Manaus.

### **O ENVELHECER: FATO INEXORÁVEL**

Não reconhecemos a velhice em nós, nem sequer paramos para observá-la, somente a vemos nos outros, mesmo que estes possuam a mesma idade que nós.

Simone de Beauvoir

Segundo os estudiosos que dão sustentação ao estudo, as características dessa faixa etária e o seu percurso até se afirmar no imaginário cultural parece estar associada a momentos históricos, culturas, saberes médicos, movimentos políticos e interesses distintos, intimamente relacionados com o processo de ordenamento social.

De todas as realidades, a velhice é, talvez, aquela de que conservamos por mais tempo, ao longo da vida, uma noção puramente abstrata [...]. O adulto se comporta como se não tivesse que ficar velho nunca. [...] o sentido de nossa vida está em questão no futuro que nos espera; não sabemos quem somos, se ignorarmos quem seremos: aquele velho, aquela velha, reconheçamo-nos neles. Isso é necessário, se quisermos assumir em sua totalidade nossa condição humana. [...] Somos todos nós os interessados (BEAUVOIR, 2018, p. 8/11).

Por ser o resultado do prolongamento de um processo, uma realidade que transcende a história vivida de forma variável, conforme contexto social, a velhice só pode ser compreendida em sua totalidade, ou seja, com suas peculiaridades biológicas, psicológicas e sociais que modificam a relação do indivíduo com o tempo, com o mundo e com a sua própria história. Enquanto vivos, somos todos “a morada da futura velhice”. Só não fica velho quem morre antes. Diante dessa realidade por que a nossa recusa em nos reconhecer nos velhos, o velho que iremos ser, quando nada deveria ser mais evidente?

O olhar para a velhice dos povos antigos, segundo Simone de Beauvoir, está relacionado à medicina e a magia, sendo a partir de Hipócrates, quando a medicina conquista a sua independência e originalidade, tornando-se ciência e arte edificada pela experiência e pelo raciocínio, que a velhice passa a ser percebida como um momento de ruptura do equilíbrio do organismo que ocorre quase sempre a partir dos 56 anos. Em seus aforismos compara as etapas da vida humana às quatro estações do ano e nela associa o inverno à velhice.

No século II, ao fazer uma síntese geral da medicina antiga e nela promover a conciliação entre a teoria dos humores e a teoria do calor interior, Galeno irá afirmar que todas as funções fisiológicas ficam reduzidas ou enfraquecidas na velhice. Daí a necessidade de “aquecer e umidificar o corpo do velho, por isso é necessário que ele tome banhos quentes, que beba vinho e também que seja ativo” (BEAUVOIR, 2018, p.22). Essas ideias foram absorvidas e divulgadas durante séculos, inclusive pela Igreja, pelos judeus e árabes islâmicos, fazendo com que na Idade Média o desenvolvimento da medicina fosse praticamente nulo e a velhice muito mal conhecida.

Mais tarde, já no século IX, a escola Médica de Salerno (Itália), onde nasceu e se desenvolveu a medicina ocidental, as questões da saúde e da longevidade passaram a ser bem mais estudadas e consideradas. No século XIII, Roger Bacon sugeria controle dietético, repouso, exercícios moderados e bons hábitos de higiene como forma de prolongar a vida. Mas será apenas no final do século XV que irá surgir a primeira obra (monografia) sobre a velhice, escrita pelo médico Zerbi e intitulada de *Gerontocomia*, onde a velhice é entendida como patologia.

O desenvolvimento dos estudos na área médica, levou que no século XVI, Paracelsointroduzisse diagnóstico clínico e a administração de medicamentos altamente específicos na medicina, o que era incomum à época e, também, utilizasse pela primeira vez o heléboro negro na farmacologia europeia e prescrevesse a dosagem correta para aliviar certas formas de arteriosclerose, assim como recomendasse o uso de ferro para "sangue pobre". A ele também é atribuído a criação dos termos: química, gás e álcool. Entendia que o homem é um composto químico e que a doença não é um estado de ser, mas o resultado do ataque de agentes externos ao corpo. Tratada como questão de higiene, a velhice passa a ser vista como o resultado de uma intoxicação.

No século XVIII, os estudos sobre a velhice foram beneficiados pelo progresso da Anatomia, a partir do desenvolvimento da autópsia. Destacam-se nesse período os trabalhos de: Fischer, Diretor do Serviço de Saúde da Rússia que, rompendo com as ideias de Galeno, descreve sistematicamente a involução senil dos órgãos; a obra do italiano Morgagni (1761), chamado de pai da patologia, que dedica grande parte de seus estudos à velhice; Gerard Van Swieten, que trata a velhice como doença incurável; Borelli e Baglivi que, ao introduzirem na medicina as ideias de La Mettrie, passam a ver a velhice como resultado do desgaste do organismo em função do tempo.

O progresso da Fisiologia e de outras ciências experimentais, no início do século XIX, possibilitaram estudos mais sistemáticos sobre a velhice e possibilitam a que Prus, em 1840, escreva o primeiro tratado sistemático sobre as doenças da velhice. É nesse período que os estudos geriátricos começam a ser desenvolvidos, favorecidos pela criação de asilos onde era a coleta de dados clínicos sobre os idosos era facilitada. A partir de então a medicina preventiva cede lugar à terapêutica, a preocupação com a cura. Três livros marcam, conforme Beauvoir (2018), a antecipação das descobertas do século XX. São eles: os estudos fisiológico e clínico, sustentado em observações, do médico americano Rush; os estudos do alemão Hufeland, que afirma ser o organismo dotado de certa energia vital que se esgota com o tempo; e os estudos de Seiler, obra dedicada inteiramente à anatomia dos velhos.

No fim do século XIX e no século XX, multiplicaram-se as pesquisas. Boy-Tessier em 1895, Rauzier em 1908, Pie e Bemamour em 1912 lançaram na França grandes obras de síntese. Muito importantes, também, foram, na Alemanha, a obra de Bürger, na América os trabalhos de Minot e de Metchnikoff, os dois publicados em 1908, e o do zoologista Child, em 1915 (BEAUVOIR, 2018, p. 26).

O aumento do número de idosos e o desenvolvimento dos estudos sobre os mesmos levou a que, em 1903, Élie Metchnikoff, fisiologista russo, sucessor de Pasteur, defendesse a ideia da criação de uma nova especialidade, a Gerontologia (do grego *gero* = envelhecimento + *logia* = estudo), como uma disciplina científica (multi e interdisciplinar) para estudar o processo de envelhecimento enquanto fase final do ciclo de vida em suas dimensões biológica, psicológica e social. O desenvolvimento dessa nova percepção sobre a senescência levou, segundo Freitas (2013, p.63), o médico fisiologista austríaco estabelecido nos Estados Unidos, Ignatz Nascher, a estabelecer em 1909 novas bases clínicas para a identificação da velhice e, com isso, romper com as opiniões prevalecentes sobre o envelhecimento (senescência) e criar a Geriatria (grego *géron* = velho, idoso + *iatria* = médico, aquele que cura) para designar o estudo clínico da velhice.

Para ele, segundo Silva (2016, p. 210), "a velhice não é naturalmente um estado patológico e pode ser resgatada do desastre e da ruína". Preocupado com a questão levou Nascher a fundar em 1912, a *Sociedade de Geriatria de Nova York*; em publicar, em 1914, o livro *Geriatrics: the diseases of old age and their treatment, including physiological old age, home and institutional care, and medicolegal relations*; e, em 1917, tornar-se o primeiro editor da sessão de Geriatria, criada pelo *The Medical Review of Reviews*, primeira instituída para dar vazão ao conhecimento produzido.

A ênfase nos processos fisiológicos e nos mecanismos do envelhecimento desafiou o "modelo patológico" do envelhecimento, foco principal dos pesquisadores médicos da época, inclusive Élie Metchnikoff, e fez com que a partir de 1920 começassem a surgir as primeiras pesquisas e observações sobre Psicologia do envelhecimento humano, merecendo destaque a pioneira investigação de Stanley Hall, realizada em 1922, que gerou a publicação do livro *Senescence, the last half of life*, a mais completa obra sobre o assunto já publicado por um cientista social até aquele momento. Hall sugere em sua obra, que o envelhecimento é um processo múltiplo em que os organismos, por não serem iguais, envelhecem em tempos e ritmos diferentes, por isso mesmo não se tornam necessariamente comprometidos ao mesmo tempo, do ponto de vista intelectual (SILVA, 2016, p.210).

## A VELHICE NO CAMINHAR DA HUMANIDADE

Eu não tinha este rosto de hoje, assim calmo, assim triste, assim magro, nem estes olhos tão vazios, nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força, tão paradas e frias e mortas; eu não tinha este coração que nem se mostra. Eu não dei por esta mudança, tão simples, tão certa, tão fácil: Em que espelho ficou perdida a minha face?

Cecília Meireles

A velhice não se apresenta, apenas, como uma verdade empírica, biológica, mas também sociocultural por quanto sempre ocorre no seio de uma sociedade e depende estreitamente de sua natureza e do lugar que nela ocupa o indivíduo velho. Assim, para compreender melhor o problema da velhice é indispensável examinar o lugar destinado aos velhos e a representação que deles se faz em diferentes tempos e lugares a partir da visão de alguns expoentes da história universal.

Em geral, as sociedades primitivas, principalmente àquelas desprovidas de língua escrita, cujo conhecimento era e é transmitido oralmente, tinham e tem uma postura positiva em relação aos velhos e os adotavam e adotam como sábio por serem eles os responsáveis pela transmissão para a comunidade dos saberes tradicionais adquiridos ao longo da vida porque sem suas memórias e seus conhecimentos a coletividade seria incapaz de dar continuidade às tradições e às atividades que exigem prescrições ritualísticas só conhecidas pelos anciões. Contudo, em algumas delas, onde a tradição oral e a magia não têm muita importância, o velho muitas vezes foi e é considerado um fardo e seus conhecimentos e experiências, nada valem. Em outras, a idade não constitui nem decadência e nem fonte de prestígio e a condição do velho dependerá muito mais de suas capacidades e de sua fortuna.

Nas sociedades ditas civilizadas, tanto nas mitologias quanto na literatura e na iconografia, a imagem da velhice varia de acordo com os tempos e os lugares. O velho, enquanto conserva uma eficácia permanece integrado à coletividade e não se distingue dela, é um adulto de idade avançada, mas quando perde suas capacidades torna-se praticamente um objeto. Contudo, a contribuição positiva do idoso para a coletividade não está na força e na saúde, como nas sociedades primitivas, está em sua memória e sua experiência. O primeiro texto conhecido dedicado à velhice encontra-se no Egito e foi escrito em 2500 a. C. pelo filósofo e poeta Ptah-hotep. Para ele,

como é penoso o fim de um velho! Ele se enfraquece a cada dia; sua vista cansa, seus ouvidos tornam-se surdos; sua força declina; seu coração não tem mais repouso; sua boca torna-se silenciosa e não fala mais. Suas faculdades intelectuais diminuem, e lhe é impossível lembrar-se hoje do que aconteceu ontem. [...] A velhice é o pior dos infortúnios que pode afligir um homem (Beauvoir (2018, p. 97).

Isto não significa que em todo o Egito Antigo prevalecesse essa forma negativa de enxergar a velhice, nem que ela se encontrasse apenas entre o povo egípcio. Conforme dados históricos, esse entendimento permeia o pensamento dos povos em qualquer época e está relacionado ao sentido e ao valor atribuídos à velhice pelas sociedades. É um fato que transcende a História.

Na Grécia Antiga, encontramos na história e na literatura divergências no modo de conceber essa aventura individual que é a velhice, a idade avançada (*géra, géron*). Conforme dito por Beauvoir (2018), a velhice como categoria social, tinha na Grécia um papel honorífico e estava associada à sabedoria, a experiência e a honra. Nos tempos heroicos, o chefe da Pólis, o rei, era assistido por um conselho consultivo de anciões, *Gerúsia* (*γερούσια* = senado), composto por vinte e oito membros (*gerontes*), todos com mais de 60 anos que ali permaneciam até a morte. Além de funcionar como Tribunal Supremo, a *Gerúsia* tinha funções administrativas e legislativas e poderes para condenar o próprio rei. A velhice era a principal qualificação para ser um de seus membros que ali permanecia até a morte. Na Élide, por exemplo, 90 *gerontes* faziam parte da *Gerúsia*.

Do ponto de vista de alguns poetas gregos, a velhice como aventura individual apresenta-se tanto negativa quanto positivamente. Em Esparta, sociedade sustentada na força dos jovens e adultos, a velhice era honrada. Dispensados das obrigações militares, os homens de 60 anos ou mais eram encarregados de manter a ordem, formar a juventude e ajudar na administração da cidade como membro da *Gerúsia*, composta por 28 anciões escolhidos entre eles. Em Atenas, as Leis de Sólon, sustentadas em valores éticos e políticos conferiram grandes poderes às pessoas idosas. Sólon dizia ser desejável viver até os 80 anos e afirmava que não parava de aprender enquanto a sua velhice avançava. Naquela época, o Areópago, antigo supremo Tribunal de Justiça de Atenas, conhecido pelo senso de justiça e pela integridade, era composto por velhos arcontes (pessoas sábias ou magistrados com mais de 60 anos). Essa situação perdurou até 508/507 antes de Cristo, quando Clístenes estabeleceu a Democracia Ateniense. Ela traz mudanças no poder da velhice e em algumas formas de honrá-la. Apesar disso as pessoas idosas ainda conservam alguns poderes.

Platão e Aristóteles, filósofos referência da Antiguidade, apresentam compreensões distintas sobre a velhice e sobre o papel do velho na sociedade. Para Platão, como a virtude emana do conhecimento da verdade e este só é alcançado através de uma educação que tenha seu início desde a infância e frutifique aos 50 anos, somente neste momento o homem filósofo estará apto a se tornar guardião da Pólis. Incentivador de atitudes propícias à prevenção da saúde e da profilaxia afirma que devemos nos preparar para o envelhecimento desde a

juventude. Em um dos diálogos apresentados entre Sócrates e Céfalos, na sua obra *A República*, Platão elogia a velhice dizendo:

Quanto mais se enfraquecem os outros prazeres, os da vida corporal, tanto mais crescem, em relação às coisas do espírito, minhas necessidades e alegrias. [...] A velhice faz nascer em nós um imenso sentimento de paz e de libertação (PLATÃO, 2000, p. 3).

Para Aristóteles a velhice não é algo contrário à natureza. Contudo, os males que atingem o corpo na velhice afetam o indivíduo como um todo, sendo necessário que o corpo esteja são para que a velhice seja feliz. Segundo afirma:

Uma bela velhice é aquela que tem a lentidão da idade, mas sem deficiências. É preciso ter atingido uma certa idade para possuir a *frenosis*, esta sabedoria prudente que permite conduzir-se com equidade, e para ter acumulado experiência, saber incomunicável porque vivenciado – e não abstrato. Entretanto, a seguir, o declínio do corpo acarreta o do indivíduo inteiro. [...] Porque viveram muitos anos, porque muitas vezes foram enganados, porque cometeram erros, porque as coisas humanas são, quase sempre, más, os velhos não têm segurança em nada, e seu desempenho em tudo está manifestamente aquém do que seria necessário (ARISTÓTELES in BEAUVOIR, 2018, p. 116).

Na Roma Antiga, a conservadora, coerente e ordeira República era conduzida pelo poderoso Senado (*Senatus*), palavra derivada de *senex* (homem velho), formado por uma assembleia ou conselho de anciãos de ricos proprietários fundiários, com imensas prerrogativas, entre as quais: a direção de toda a diplomacia romana e dos comandos militares; a administração das finanças e o julgamento dos delitos graves. Mas, a partir da decadência do sistema oligárquico o domínio dos idosos junto ao Senado passa às mãos dos militares, ou seja, de homens mais jovens. É nesse cenário de fortes mudanças que surge em 44 a.C. a obra *De Senectute*, um tratado sobre a velhice, escrito pelo estadista, orador e filósofo romano Marco Túlio Cícero, aos 63 anos de idade. Talvez esta seja a mais importante obra sobre o envelhecimento da Antiguidade. Ela transpõe espaços e atravessa os tempos e nos chega trazendo profundas reflexões que nos mostra o olhar e as atitudes para com os velhos naqueles idos. As extraordinárias reflexões sobre a velhice em *De Selectude*, são apresentados através de diálogos, à maneira grega, tendo como protagonista seu amigo Marco Catão e os jovens homens públicos Lélío e Cipião.

Cícero entende que o homem é um produto da Natureza e, como os demais produtos nasce, cresce vive e morre, e como não é possível libertar-se dessa determinação, a atitude mais sábia é submeter-se a ela e entender que a vida humana é uma passagem; que a terra não é uma casa perene para habitar, mas uma pousada, um refúgio onde paramos por algum tempo. Nesse refúgio passageiro a sabedoria está em compreender e aceitar o inexorável fim, não do homem, mas do indivíduo.

Assim como louvo a um jovem que tem algo do velho, também me causa agrado o velho que tem alguns traços do moço. E o que tem tal natureza poderá ser velho de corpo, jamais o será de espírito. [...] a vida que levei ao longo dos anos permite que ainda trabalhe, pois quem vive em estudos e trabalho não sente quando chega à velhice: pouco a pouco, sem sentir, se vai envelhecendo; não se aquebranta num repente, mas sim à força de muito viver (CÍCERO in KURI, 1998, p. 110).

Segundo entende, o problema da finitude do homem que acontece com a morte, deve ser pensado e tratado desde a tenra idade como algo natural porque, mesmo sem saber o dia, a morte virá para todos. Reconhece que para aqueles que não possuem, eles próprios, qualquer recurso para viver bem e com felicidade, mesmo para um sábio a velhice pode ser uma idade dolorosa. Reconhece, também, que há velhos tão débeis e doentes que são incapazes de exercer qualquer ofício ou função, mas muitos, mesmo na riqueza, julgam a velhice pesada e incomoda. “Consules próximos ao meu Consulado costumavam reclamar não só da carência dos deleites, sem os quais intolerável julgavam a vida, mas também porque não mais tinham o apreço daqueles que costumavam cortejá-los” (CÍCERO, in KURI, 1998, p. 63).

Diferente disso, Plínio, o Velho, afirma que uma vida breve é o maior benefício que a natureza nos pode dar, porque na velhice os sentidos são embotados, os membros entorpecidos, a visão e a audição diminuídas, as pernas enfraquecidas e os dentes caem. Os jovens poetas Horácio e Ovídio, encaram a velhice não como uma condição geral, mas como uma aventura individual e expressam o amargor que ela lhes inspira: “Com a velhice, desaparece tudo que fazia a doçura de viver. [...] A triste velhice chega, banindo os amores folgazões e o sono fácil” (BEAUVOIR, 2018, p. 127).

Públio Ovídio Naso (um dos maiores poetas romanos do final do século I a.C. e início do século I d.C., assim como Décimo Júnio Juvenal (poeta e retórico romano, autor das Sátiras do final do século I e começo do século II), estão entre os que entendem que “o preço de uma longa vida são as perdas constantemente renovadas, os lutos contínuos e a velhice em trajes negros, em meio a uma eterna tristeza (BEAUVOIR, 2018, p. 128). Sêneca, preceptor de Nero, expressa nas *Epístolas a Lucídio*, cem anos mais tarde, ideias semelhantes às de Cícero: a velhice é boa como tudo que é natural e não acarreta nenhuma decadência.

Conforme aponta Beauvoir, tanto os autores gregos quanto os romanos não abrem praticamente nenhum espaço para a velhice destituída de importância social. Quando o fazem, diferentemente da velhice do sábio, do homem abastado, a colocam como o pior dos males. Também não há quase nenhum espaço destinado

à mulher velha. Quando dela tratam, a retratam com repugnância porque, para eles, a sua aparência é hedionda. Horácio, por exemplo, diz que a “velhice cava rugas em sua frente... seus seios são flácidos como as mamas de uma jumenta” (Ibdem, p. 128).

O esmaecer do mundo antigo é marcado, principalmente, pela invasão dos bárbaros e o triunfo do cristianismo. Com o domínio dos bárbaros, cuja sociedade era dominada por guerreiros e conquistadores que viviam para lutar, os homens morriam muito cedo, por isso mesmo, os velhos eram pouco numerosos e a velhice destituída de importância e significado. Tudo indica que também o cristianismo que se impôs no seio do Império Romano não promoveu ganhos significativos para a velhice. Apesar de renovar, em princípios, a tradição do *Decálogo*<sup>3</sup> que ordena a honra aos pais, o culto da família não tinha praticamente nenhum lugar numa época em que o ideal era ascético. Nesse período dominado pela Igreja, destacam-se com ações positivas destinadas aos velhos, a criação de asilos e hospitais a partir do século IV.

Na Idade Média, os vestígios sobre a questão da velhice são muito pobres e nos chegam, quase sempre, através da literatura e da iconografia, o homem idoso sem capacidade física para realizar o duro trabalho com a terra foi, com raríssimas exceções, excluído da vida social e muitas vezes levados à mendicância. Esse desfavorecimento e descaso com a velhice não ocorria, apenas, na pobreza, mas, também, na nobreza, ou seja, em todos os setores da sociedade. O mundo material na Idade Média era muito mais rude do que no mundo antigo porque as técnicas regrediram, as castas foram degradadas, as cidades despovoadas, a sociedade ruralizada e a classe média desaparece. A partir do século VIII, como nos mostra Beauvoir (2018), com o surgimento da sociedade feudal e a organização da vassalagem, o papel do idoso é muito apagado, contudo a ligação de vassalagem subsiste até a morte, apesar de relegada à sobra, não desaparece quando a idade torna o cavaleiro incapaz.

A literatura dos séculos XI, XII e XIII nos ensina muito pouco sobre a velhice. Como nos séculos anteriores ela não se interessa pelo assunto, continua a ressaltar e a exaltar os valores da juventude e da bravura não encontrados nos velhos, tidos como detentores de “mãos geladas e nervos enferrujados”. Mesmo entre os plebeus, a dureza da sociedade obriga os homens de idade a se afastarem da vida ativa. No meio rural o destino do velho não era diferente, se resumia em trabalho e dor. “A situação dos velhos, em todos os setores da sociedade, aparece como extremamente desfavorável. Tanto entre os nobres quanto entre os camponeses a força física prevalecia: os fracos não tinham lugar (Idem, p. 138).

Essa forma de olhar para a velhice será significativamente modificada a partir do século XIV, com o nascimento da burguesia e o renascimento da vida urbana. Até então apenas o adulto merecia consideração. A prosperidade da burguesia levou à acumulação das riquezas fazendo com que nas classes abastadas, a condição dos velhos fosse modificada porque, através da acumulação de riqueza eles podiam tornar-se poderosos. Dante Alighieri (1265-1321), o maior poeta italiano da literatura medieval e autor do poema épico “A Divina Comédia”, encara a velhice de um ponto de vista religioso e espiritualista. No *Festim*, ele compara

a linha da vida humana a um arco que sobe da terra ao céu, até um ponto culminante, de onde principia a descida. O zênite situa-se nos 35 anos. Depois, o homem declina lentamente. Dos 45 aos 50 anos, é o tempo da velhice. A seguir, é a grande velhice. Se essa souber ser sábia, esse fim será pacífico.[...] Estando a verdade do homem no além, ele deve aceitar serenamente o fim de uma existência que não foi outra coisa senão uma breve viagem. (Ibdem, p. 148/149).

Em toda Europa surgem obras que seguem nessa mesma direção e, apesar dos distintos olhares para a velhice, até o final da Idade Média, a precariedade da vida continuava e a longevidade era rara, tanto entre os homens quanto entre as mulheres. Quando Carlos V morreu em 1380, com 42 anos, era considerado um velho sábio. Apesar de ter prolongado as tradições da Idade Média, a Renascença, especialmente no século XV e XVI, procura, através de uma ideia nova e harmoniosa do homem, promover o humanismo. Mas quanto à velhice em si mesma, a literatura dessa época muitas vezes parece não ter maior benevolência do que nos séculos anteriores. Contudo, ao lado das obras que apresentam os velhos, mulheres e homens, como objetos sem dignidade e valor, um pequeno número de obras os integram à comunidade humana e procuram mostrar que envelhecer faz parte de todo ser vivente e aconselham os jovens a aproveitarem seus dias, pois a velhice os espera. Dedicam-se a essa tarefa, entre eles, Erasmo de Rotterdam; Jacques Yver; Pierre de Ronsard; Théodore Agrippa d'Aubigné; Michel de Montaigne. Desde o Egito Antigo até o renascimento

Os clichês se perpetuam, em parte porque o velho sofre um imutável destino biológico. Mas também, não sendo agente da História, o velho não interessa, não nos damos ao trabalho de estudá-lo em sua verdade. E, além disso, há na sociedade uma determinação que é a de silenciar sobre ele. Seja exaltando-o, seja aviltando-o, a literatura o dissimula em clichês. Esconde-o, ao invés de revelá-lo (Ibdem, p. 171).

Após uma passagem rápida pela Idade Média aponta-se no século XVII, início da modernidade, para encontramos a visão a respeito da velhice e o tratamento dado a ela. Na Inglaterra no século anterior, houve um

---

<sup>3</sup>Segundo o livro do Êxodo, os dez mandamentos ou preceitos da lei de Deus, escritos em duas tábuas de pedra e entregues a Moisés no monte Sinai.

grande aumento populacional nas cidades em função das migrações de trabalhadores rurais para áreas urbanas em busca de trabalho. Como nem todos conseguiram, aumentou consideravelmente o número de pessoas que ficavam perambulando pelas ruas inglesas, gerando diversos problemas sociais. Isto fez surgir, em função de ações conjuntas entre a realeza e o parlamento, em 1601, no final do reinado da Rainha Elizabeth, a Lei dos Pobres (OldPoor Law), aperfeiçoando outra norma de 1597 que tinha por objetivo principal prestar assistência social para aqueles indivíduos que comprovadamente não possuíam condições de sustentar a si próprios e nem parentes e amigos a quem pudessem recorrer.

Conforme Beauvoir, o século XVII foi muito difícil para a humanidade, a média de vida se encontrava entre 20 e 25 anos; metade das crianças morriam antes de um ano; a maior parte dos adultos entre 30 e 40 anos. A dureza do trabalho, a subalimentação, a falta de higiene, levavam a que as pessoas envelhecessem muito cedo. Camponesas com 30 anos já estavam enrugadas e prostradas. Mesmo os abastados: reis, nobres e burgueses, morriam entre 48 e 56 anos. O respeito recaía sobre o homem opulento, o proprietário, o dignatário, e não a idade enquanto tal; a velhice em si mesma não inspirava nenhuma consideração. A velhice da mulher continuava a inspirar horror, enquanto a dos homens presta-se a menos sarcasmo. Ao denunciar os estragos que a velhice proporciona, William Shakespeare, poeta, dramaturgo e ator inglês, compara a existência humana ao desenrolar do ano, ou de um dia ou, ainda, dos dois ao mesmo tempo e afirma que a velhice é o inverno, o crepúsculo da vida no qual desaparecerão todas as riquezas da juventude. Segundo afirma, a velhice não é limite da condição humana, mas a sua verdade, sendo a partir dela que devemos procurar compreender o homem em sua aventura terrestre.

Na metade do século XVIII, “o tempo da vida ativa” prolongou-se e o estado começou a compreender que todo homem possui o direito à existência, pelo menos foi o que afirmaram os magistrados reunidos em *Speehamland*, em 1785, quando aprovaram a Lei 1782 que estabeleceu: “se um homem não pode ganhar a vida trabalhando, a sociedade deve assegurar sua subsistência. Tal entendimento levou a reforma da assistência pública fazendo que a miséria dos deficientes e dos velhos fosse um pouco atenuada” (Ibidem, p.190). Nesse período, em função de uma melhor higiene, irá ocorrer um crescimento e rejuvenescimento da população, e, ao contrário dos anos anteriores a 1749, haverá um aumento significativo da população envelhecida, especialmente nas classes privilegiadas visto que, entre os camponeses, a velhice continuava a chegar muito cedo.

As mudanças ocorridas na Europa, no início do século XIX, especialmente o aumento populacional em geral e das pessoas envelhecidas em particular, vão ter influências na condição dos velhos e na ideia que a sociedade faz da velhice. Esse crescimento populacional ligado ao progresso da ciência leva a que os “mitos da velhice” sejam substituídos pelos conhecimentos, especialmente os da área da medicina. Também imprimirão mudanças significativas no curso da vida humana que possibilitarão resignificar a palavra velhice, que passa a ser entendida como uma etapa da vida caracterizada pela decadência física e ausência de papéis sociais.

Conforme Hareven (1995), até o início do século XIX, as sociedades pré-industriais não faziam uma separação nítida e nem estabeleciam especializações funcionais para cada idade. Fatores demográficos, sociais e culturais combinavam-se de tal modo que a diversidade de idades entre as crianças de uma mesma família, a ausência da regulamentação de um tempo específico para o trabalho e a coabitação de famílias extensas, não favoreciam a fragmentação do curso da vida em etapas determinadas. É somente nesse século que irá surgir, de forma gradual, as diferenciações entre as idades.

O reconhecimento da velhice como uma etapa única é parte tanto de um processo histórico amplo – que envolve a emergência de novos estágios da vida como infância e adolescência –, quanto de uma tendência contínua em direção à segregação das idades na família e no espaço social (SILVA, 2008, p.45).

A partir do século XX e florescer do século XXI, ao mesmo tempo em que as condições sociais possibilitam a longevidade, elas negam aos velhos o seu valor e sua importância social. A ênfase recai sobre a juventude, a beleza, a autonomia, a independência e a habilidade de ser produtivo ou reprodutivo. Estar ou ser velho, assume uma conotação negativa, remetendo à perda de atributos pela sociedade, mas, também, pelo próprio idoso. Na atualidade, apesar de ainda permanecerem velhos estereótipos sobre a velhice, conceitos como “envelhecimento ativo”, fazem surgir estudos a partir de novos paradigmas sobre a velhice ou *senescência ou senectude*, que levam a uma compreensão positiva da velhice, entendendo-a como o resultante do somatório de alterações orgânicas, funcionais e psicológicas próprias do envelhecimento.

Tal atitude despertou, também, a preocupação com a educação das pessoas idosas levando à criação de instituições específicas para o atendimento dessa faixa etária. Essas ideias levaram a que em 1928 a Universidade de Stanford (EUA) criasse os primeiros grupos de pesquisa sobre aprendizagem, memória e tempo de reação de idosos e, também, que fosse fundada, em 1946, a *Gerontological Society of America*, a *American Geriatric Society* e a *Division of Maturity and Old Age* da *American Psychological Association*. Tais ações foram motivadas pelo aumento do interesse sistemático da ciência pela velhice, pelas projeções demográficas indicativas da aceleração do processo de envelhecimento populacional que os EUA e outros países industrializados estavam sofrendo e que viriam a se acelerar nas décadas seguintes.

Segundo alguns estudiosos do envelhecimento, as mudanças que surgem sobre a questão nos cenários francês e inglês por volta de 1950 e irá se legitimar a partir da década de 1980, decorrem dos estudos

desenvolvidos pela Gerontologia e pela Geriatria; da forma de enxergar e tratar a velhice; dos novos sistemas de aposentadoria que se estendem a todas as classes de trabalhadores; a reorganização dos agentes de gestão que dão início a elaboração de uma política da velhice, trazendo consigo a noção de terceira idade. Em geral a literatura sobre o envelhecimento tem classificado didaticamente essa faixa etária da seguinte forma: 60 a 74 anos como **idosos** participantes da terceira idade; 75 a 90 anos como anciãos; 90 anos em diante como velhice extrema. Para melhor compreensão da questão se faz necessário estabelecer a distinção entre os termos envelhecimento, velhice, idoso e terceira idade, todos eles referentes ao mesmo fenômeno.

A palavra **envelhecimento** diz respeito ao processo natural do envelhecer do organismo através de alterações no corpo e na mente do organismo humano desde o nascimento. A expressão **velhice** representa um estado, uma condição do indivíduo na última fase do processo do envelhecer, independente de condições de saúde e hábitos e que pode vir acompanhado de perdas psicomotoras, sociais, culturais, etc. O vocábulo **idoso** como sujeito do envelhecimento, como já foi dito, foi criado na França em 1962, e é utilizado em substituição aos termos velho e velhote, para designar qualquer indivíduo acima de 60 anos de idade. O termo **terceira idade**, foi criado nos anos 60, na França, para designar uma parcela da população idosa que está no início do processo de envelhecimento e tem tido a felicidade de viver uma vida produtiva, adquirir experiências significativas com mais possibilidades e oportunidades para aprender, expandir os horizontes. Ela não substitui ou nega a categoria velhice ou idoso, é uma nova categoria que representa o tempo entre a maturidade e a velhice, palavra que ainda carrega, até hoje, uma série de conotações pejorativas que estigmatizam a pessoa idosa. Diferente disso, o termo terceira idade traz consigo uma conotação menos excludente e faz uma ponte entre o passado e o presente, assim como a juventude estabelece uma ponte entre o presente e o futuro.

As mudanças ocorridas e os estudos empreendidos levaram a que durante a Primeira Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento da População, ocorrida em Viena, em 1982, a Organização das Nações Unidas (ONU), aprovasse através da Resolução 39/125, o Plano Internacional de Ação sobre o envelhecimento. Nele estabeleceu que nos países em desenvolvimento, a pessoa é considerada idosa (que tem muito tempo de vida) quando possui 60 ou mais anos de idade, e que nos países desenvolvidos a idade limítrofe é de 65 anos. A Organização Mundial da Saúde (OMS), segue o mesmo entendimento da ONU de que nos países em desenvolvimento, idoso é todo indivíduo com 60 anos ou mais.

## **A MULTIDIMENSIONALIDADE DAS AÇÕES DA FUNATII**

A Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade – FUNATI, antes denominada de UnATI (instituída em 2007 através da Lei foi criada pela Lei nº 4.625, de 13 de julho de 2018, “com a finalidade institucional de promover o ensino, a pesquisa e a extensão, com função político-social de formar profissionais cidadãos para atuarem e promoverem mudanças na sociedade, visando ao processo de envelhecimento com qualidade”. Conforme o seu Estatuto, aprovado através do Decreto nº 39.522, de 13 de setembro de 2018, “tem a finalidade institucional de promover o ensino, a pesquisa e a extensão, com função político-social de formar profissionais cidadãos para atuarem e promoverem mudanças na sociedade, visando o processo de envelhecimento com qualidade, bem como a oferta de cursos de graduação e pós-graduação.

De 2007 a 2015 funcionou no Prédio da Escola Superior de Ciências da Saúde da UEA. Em 31 de julho de 2015, inaugurou sua nova sede, em uma área de 400 metros quadrados, na Avenida Brasil, nº 70 – Bairro de Santo Antônio. Sua capacidade instalada envolve oito (8) salas de aula, entre elas salas de música e dança, ambulatórios, laboratórios de informática, além de auditório com capacidade para cem (100) pessoas.

Em 2018, a partir da transformação da UnATI em FUNATI, ou seja, em Fundação, instituiu-se nesta autonomia de gestão administrativa, financeira, patrimonial, disciplinar e pedagógica com a finalidade institucional de promover o ensino em nível de graduação e pós-graduação, a pesquisa e a extensão no campo do envelhecimento, visando a qualidade de vida dessa faixa etária da sociedade. Contudo, apesar da autonomia atribuída pela Lei como instituição da administração indireta, vinculada diretamente ao Gabinete do Governador, e o conseqüente desligamento da UEA, ainda não é possível à FUNATI, em função de não ter ainda um quadro de pessoal administrativo e pedagógico próprio, conforme explicita o Reitor Euler Ribeiro, desvincular-se totalmente da UEA. Em decorrência de acordo entre as duas instituições, os cursos ofertados pela FUNATI ainda estão ligados à Pró-Reitoria de Extensão da UEA, a qual é responsável pela expedição dos certificados e diplomas. Nos seus quase 14 anos de existência realizou várias atividades envolvendo quatro eixos de atuação: Ensino, pesquisa, extensão e assistência.

O ensino desenvolvido e a ser desenvolvido pela instituição tem por centralidade a preparação de pessoal através de cursos de formação, capacitação e especialização, são destinados aos idosos, familiares, cuidadores, estudantes e profissionais que trabalham com idosos e visam à promoção e manutenção da autonomia, independência e melhor qualidade de vida dos mesmos. Merecem destaque neste particular: O Curso de Especialização em Gerontologia e Saúde do Idoso destinado visa:

Capacitar através de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu*, profissionais de nível superior das mais diversas áreas de concentração do saber para promover o envelhecimento com dignidade e qualidade de vida aos cidadãos amazonenses, em cumprimento às políticas públicas inerentes (PP, 2019, p. 5).

O Curso de Formação do Educador Social do Envelhecimento tem por objetivo:

Capacitar o aluno para entender o processo do envelhecimento humano e seus vieses, com ênfase na preservação da saúde e na conquista de qualidade de vida; conhecer às políticas públicas inerentes à pessoa idosa e a rede de proteção social disponibilizada pelo Estado do Amazonas; compartilhar as práticas do “cuidar”, da pessoa idosa de forma integrada e comprometida, contribuindo para manutenção da saúde e da qualidade de vida do idoso; estimular a convivência social e a autonomia dos idosos; refletir sobre o próprio envelhecimento e do grupo social no qual está inserido (PP, 2021, p. 3).

A pesquisa desenvolvida pela FUnATI, não apenas propõe, mas executa ações institucionalizadas que visam não apenas a produção científica na área do envelhecimento humano, mas, e principalmente, que faça a transposição deste conhecimento para a sociedade. Para isso vem utilizando como principal estratégia, um sistema de colaboração

com o Laboratório de Biogenômica da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), UnATI da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade de São Paulo (USP), Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), Universidade de Leon (Espanha), Universidade de Barcelona (Espanha), Universidade de Toronto (Canadá) e a *TokyoMetropolitamUniversity*(TMU, Japão) (Anti-Projeto para construção e implantação da infra-estrutura do Centro de pesquisa (Projeto de Implantação da FUnATI, 2021).

Com isso tem desenvolvido intensa atividade de pesquisa sobre o envelhecimento do homem amazônico visando não apenas a produção científica na área do envelhecimento humano, mas, e principalmente, a transposição dos conhecimentos para a sociedade. Entre os projetos desenvolvidos destacamos:

**Idoso da Floresta** - desenvolvido a partir das informações do IBGE sobre os dez municípios do Amazonas que apresentavam maior número de idosos longevos, 80 anos ou mais. Envolveu 1.509 idosos de Manaus e 1.805 idosos ribeirinhos do município de Maués, com idade igual ou superior a 60 anos. O resultado da comparação dos dados “mostrou que idosos de Maués apresentavam menor frequência de hipertensão, obesidade e diabetes do tipo 2 e de câncer do que os idosos de Manaus” (Ibidem). Os resultados levaram ao início de um Programa de investigação laboratorial sobre os potenciais efeitos dos alimentos amazônicos na saúde e longevidade humana, e abriram portas para muitas outras pesquisas.

**Dieta Amazônica na Saúde e Longevidade** – teve com impulsionador os dados obtidos na pesquisa sobre o “Idoso da Floresta”, os estudos sobre as dietas orientais e a do Mediterrâneo. Além de demonstrar a riqueza da dieta dos povos amazônicos, a referida pesquisa possibilitou a produção, entre 2008 e 2021, de dissertações de mestrado e teses de doutorado, assim como de mais de 60 artigos em revistas indexadas nacionais e internacionais. Possibilitou, ainda, a publicação, em 2012, do livro: **Dieta Amazônica: Saúde e Longevidade**, onde os doutores e pesquisadores Ribeiro e Cruz, destacam o papel dos frutos, peixes e farinhas na dieta de comunidades amazônicas para a saúde e longevidade. Vejamos as propriedades apontadas pelos pesquisadores, de alguns frutos da Amazônia:

O buriti é rico em Ômega-9 (ácido oléico), em pró-vitamina A e outros componentes polifenólicos. Estudos mostram que o buriti é um filtro solar natural, tem efeito antioxidante, age beneficemente na saúde dos olhos e contribui para o bom funcionamento do sistema nervoso e do sistema cardiovascular.

O cupuaçu possui compostos bioativos com comprovados efeitos antioxidantes, anti-inflamatórios, anticarcinogênicos e que atuam na saúde do nosso sistema nervoso.

O guaraná tem ação antioxidante, antibacteriana, antialérgica, antifatigante (energética), antiobesogênica, anticancerígena, na saúde gastrointestinal, cardiovascular e neurológica, principalmente na memória.

O tucumã contém altos tores de carotenóides que originam a vitamina A e óleos. Também apresenta alguns polifenóides com conhecida ação biológica, como é o caso da quercetina, presente na maçã, cebola e uva, que possui efeitos antioxidantes e anticarcinogênicos e uma poderosa ação antimicrobiana, matando cepas bacterianas que são resistentes a muitos antibióticos (RIBEIRO E CRUZ, 2012,pgs. 65/84/87/105).

Ainda no tocante a pesquisa é importante ressaltar que a FUnATI criou o *Centro de Pesquisas, Inovação e Desenvolvimento Tecnológico em Gerontologia – GERONTEC*, com a finalidade de desenvolver pesquisas interdisciplinares em parcerias com universidades brasileiras e internacionais, envolvendo desde análises epidemiológicas na população idosa que vive em Manaus, quanto na população ribeirinha, até estudos de alta especificidade envolvendo cultura de células e análise biogenômicas, principalmente relacionadas ao efeito dos frutos amazônicos na prevenção, promoção de saúde e controle de DCNTs.

No que se refere à extensão, a FUnATI realiza cursos e oficinas livres, ofertadas na modalidade presencial à comunidade visando possibilitar à Universidade atender demandas de conhecimentos sobre o envelhecimento e a inserção sociocultural, a promoção da saúde por meio do envelhecimento ativo, assim como possibilitar saberes para aqueles que em suas atividades, precisam lidar com os idosos e com o processo de envelhecimento da sociedade local.

A promoção da Assistência em Saúde é realizada através da Policlínica Gerontológica, cujo objetivo é ofertar serviços de atenção à saúde para aproximadamente 2.500 idosos através de equipe multiprofissional e

multidisciplinar, visando à promoção da saúde, prevenção de doenças, estímulo ao autocuidado, manutenção e/ou recuperação da capacidade funcional, na busca de um envelhecimento com qualidade.

### REFLEXÕES EM CONCLUSÃO

Nas reflexões a seguir, procurou-se mostrar da forma mais verdadeira possível a questão do envelhecer no transcurso do tempo tentando colocar a velhice numa relação com o todo da humanidade a fim de mostrar a sua essência, mas, também, as modificações e renovações das percepções e entendimentos sobre ela. Para isso leva em consideração os objetivos traçados, o referencial teórico utilizado e os dados levantados na pesquisa documental e nas entrevistas, tendo em vista aspectos sócio-históricos, culturais, educativos e a temporalidade da existência humana que envolve o “ser” (passado, presente e futuro) e o “nada”, ou seja, a morte.

As leituras, a pesquisa e as reflexões empreendidas nos possibilitaram perceber que a velhice, por ser inerente à natureza das coisas vivas, conseqüentemente da pessoa humana, perpassa os tempos e permanece na atualidade acrescida de um novo componente mais estético/social do que biológico, manifesto na não aceitação da velhice e na tentativa de mascará-la, de aparentar menos idade através de procedimentos de cirurgias plásticas, que muitas vezes deformam o corpo, especialmente a fisionomia; que desde os tempos antigos a questão da velhice é vista pelo indivíduo (ponto de vista interior), quanto pela sociedade (ponto de vista exterior), de forma diversa, muitas vezes ambígua ou contraditória, independentemente do tempo e do espaço, onde não apenas as sociedades, mas, também, os próprios indivíduos velhos enxergam a velhice ora como incômoda, horrenda, inútil, etc., ora como útil e detentora de honra e sabedoria; que a velhice é muito mais penosa para os pobres e para as mulheres, não apenas em função da aparência, da falta de forças, mas principalmente, em função da falta de recursos para o cuidado e manutenção de sua saúde, de sua vida, assim como de sua aparência.

O tempo do caminhar para o nada, a vida humana deve ser vista, tratada e vivida com respeito e dignidade, tendo em vista que cada indivíduo envelhecido já foi criança, adolescente e adulto e que, por isso mesmo, possui um presente, um passado e um futuro. Contribuir para uma “vida ativa”, ensinar a envelhecer, a melhor compreender e viver esta fase natural da vida é uma das funções das Universidades Abertas da Terceira Idade, conseqüentemente da função da Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade do Amazonas (FUnATI/AM).

O desenvolvimento e aprofundamento dos estudos, cuja centralidade recaiu sobre a problemática da educação e atenção à saúde de idosos na Fundação Universidade Aberta da Terceira Idade – FUnATI/AM, nos levou a identificar que a formação de formadores para atuação junto a terceira idade é desenvolvida através do curso de Especialização em Gerontologia e do Curso de Formação do Educador Social do Envelhecimento e que a FUnATI tem uma atuação multidimensional: ensino, pesquisa, extensão e assistência, levando a que atinja uma significativa parte do universo da população envelhecida de Manaus, tanto no campo da educação, quanto no campo da pesquisa e da assistência. Seus objetivos constantes na Lei de criação, assim como em seu Estatuto apontam para uma atuação futura bastante ambiciosa e significativa, envolvendo, inclusive, cursos de Graduação e Pós-Graduação *stricto sensu*, o que desejamos consiga realizar em breve.

Por ter a questão do envelhecimento com qualidade como núcleo central de sua atuação, tem concentrado esforços na assistência médica e social à sociedade amazonense, sem descuidar do ensino e da pesquisa, permitimo-nos sugerir que a FUnATI organize e ofereça à sociedade, especialmente aos professores da rede pública de ensino, curso de Educação Gerontológica (formação de recursos humanos) e de Gerontologia Educacional ou Gerontopedagogia (processos de aprendizagens), em nível de graduação ou pós-graduação *lato* ou *stricto sensu*, tendo como objetivo o idoso em situação pedagógica e a formação de formadores para atuarem no processo ensino/aprendizagem de pessoas envelhecidas ou em processo de envelhecimento, a fim de que, num futuro próximo, se aprenda a envelhecer, do mesmo modo que um dia aprendemos a crescer.

### REFERENCIAS

- [1]. AMAZONAS. **Decreto n° 39.522** – Estatuto da Fundação Universidade da Terceira Idade. Manaus: DO de 13/9 de 2018.
- [2]. BEAUVOIR, S. de. **A Velhice**. Trad. de Maria Helena Franco Martins – 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- [3]. BRITO, Rosa Mendonça de. **Caminhos Metodológicos do Processo de Pesquisa e de Construção de Conhecimento**. Manaus: EDUA, 2016
- [4]. CÍCERO, M. T. **Catão, o Velho ou Diálogo Sobre a Velhice**. Trad. de Marino Cury. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- [5]. LENOIR, R. Objeto Sociológico e Problema Social. In: MERLLIÉ, D. **Iniciação à Prática Sociológica**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- [6]. PLATÃO. **As Leis**. Tradução Edson Bini. 1ª ed. São Paulo, Bauru, 1999.
- [7]. PLATÃO. **A República**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2000.

- [8]. RIBEIRO, E. E. **Dieta Amazônica**: saúde e longevidade. Manaus: Editora Cultural do Amazonas, 2012.
- [9]. SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.155-168, jan.-mar. 2008. <https://doi.org/10.1590/S010459702008000100009>.
- [10]. VELLAS, P. **Le Troisième Souffle**. Paris: Bernard Grasset, 1977.

Gisele de Brito Braga, et. al. "The Human Condition In Old Age: Made And To Be Done By The Elderly In The Foundation University Of The Third Age Of Amazonas – Funati." *IOSR Journal of Humanities and Social Science (IOSR-JHSS)*, 28(3), 2023, pp. 44-55.